



“NOSSA CLASSE É EXTREMAMENTE DESUNIDA E ISSO SE DEVE A ESSA COMPETIÇÃO BURRA QUE EXISTE ENTRE NÓS, MÚSICOS.”

Christiano Rocha: Quais foram seus trabalhos antes de tocar com a Elis Regina e como você entrou para a banda dela?

DP: Antes de tocar com a Elis eu havia tocado com vários artistas. Particpei do primeiro disco da Gal Costa, aquele que tem “Meu nome é Gal”, *Cinema Olímpia*; toquei e gravei com O Bando, um grupo que usava duas baterias; gravei com a Amelinha, Walter Franco, um monte de gente que nem fez tanto sucesso.

Trabalhei um tempo na noite com o Johnny Alf; toquei em baile com a orquestra do Willian Fournaut; toquei no Humahuaca; toquei no Grupo Água com o Renato Teixeira; toquei em alguns trios de bossa nova; em desfile de moda, enfim, a ordem não foi necessariamente essa, mas uma coisa é certa: eu já tinha rodado um bocado. A primeira vez que toquei com a Elis foi em 1973, para apagar um incêndio que foi a saída do Paulinho Braga em plena temporada. Eu era o produtor e iluminador do espetáculo e o “pavio curto” dos dois acabou me colocando na fogueira. Tive de pular da luz para a bateria num piscar de olhos (sorte que eu já conhecia o show). Essa minha primeira passagem na gig foi curta. Então fui tocar em outros lugares, **TRABALHEI NA PRODUÇÃO DE SHOWS DA BETHÂNIA, DO CHICO BUARQUE, NO CIRCUITO UNIVERSITÁRIO, NOS ESPECIAIS DE MÚSICA DA TV BANDEIRANTES**, até que comecei a tocar com o Renato Teixeira e Grupo Água e com o Humahuaca simultaneamente. Nesse momento estava sendo criada a Trama, que tinha como sócios a Elis, o César Mariano e o Rogério Costa, irmão da Elis. A Trama, que tinha como proposta lançar novos artistas, começou a produzir um disco do Humahuaca e, quando chegou a hora de a Elis Regina gravar “Romaria”, música do Renato Teixeira, ela simplesmente me “roubou” do Humahuaca e do Água, pois daí para a frente fiquei no grupo do César Mariano & Cia que era quem a acompanhava.

Maguinho Alcântara: Você passou por vários estilos musicais: bossa nova, rock e MPB, entre outros. Como gerenciava a sua carreira para estar preparado para esses trabalhos?

DP: Partindo do princípio de que “tudo é músi-



ca” e para ser profissional é preciso estar pronto, eu pensava: **“SE QUERO SER UM BOM PROFISSIONAL, TENHO DE SABER TUDO E TOCAR DE TUDO”**. Os bailes me ajudaram muito a desenvolver esse lado, aliás, “músico especialista” é coisa de hoje. No meu tempo de baile era tudo na base do “Garçon deixou cair a bandeja, neguinho já sai dançando”. Esse era o verdadeiro VAMUTOCAMOÇADA!

Giba Favery: Na fase em que acompanhou Elis Regina, ela permitia que você desenvolvesse seu processo criativo no instrumento ou ela dizia o que fazer?

DP: Não só permitia como exigia criatividade. O que não impedia de ela, o César, o Nathan, o Crispim e o Sizão darem sugestões. Ali, todo mundo podia tudo, desde que feito com bom gosto e senso de grupo, é claro.

Albino Infantozzi: Conte-nos como era o seu relacionamento com a Elis. Se possível, trace um paralelo com os dias de hoje.

DP: O relacionamento era de respeito e amizade acima de tudo. Ela era exigente, mas companheira em todos os sentidos. Dava-nos total liberdade de criação, aliás, exigia isso. Não gostava de “músico pastel”. Lembro-me de algumas frases que ela sempre me mandava que, na minha maneira de ver, sintetizavam bem o seu jeito de encarar, tratar e lidar com os músicos: **“DUDU, SE TIVER DE ERRAR, ERRE COM DEZ. NÃO GOSTO DE MÚSICO QUE FICA APALPANDO”**.

“Dudu, você não é bonito e eu não tenho bunda para mostrar, então vamos lá, você senta e toca que eu vou lá e canto. Vai ser um arraso.”

Agora, traçar um paralelo com os dias de hoje... Não dá. Pensem nos artistas que estão aí

fazendo sucesso, na relação com os seus empresários, na televisão, nos jatinhos em que só os artistas viajam — os músicos vão na van — e tentem imaginar alguém desses que conhecemos pronunciando esta frase: “Sempre faço pesquisa de mercado para ter essa certeza: meus músicos são os mais bem pagos. Nem que seja um centavo, eu vou lá e pago mais. Outra coisa, viajam comigo, comem comigo e ficam no mesmo hotel que eu”. Essa era a “minha” Elis Regina, a Elis do meu tempo e da minha relação. Entenderam o que eu quis dizer? Agora tirem suas conclusões. No mercado para músicos de show que está aí são raros os artistas que pagam bem seus músicos. Quando vejo artistas cobrando mais de R\$ 100 mil por um show e pagando menos da metade da tabela mínima para seus músicos, agradeço a Deus por ter me colocado na gig do meu “patrão” Renato Teixeira, e por ele ter convivido, aprendido e assimilado os bons exemplos que a “Baixinha” deu para toda a classe musical. Para mim, o respeito profissional é demonstrado dessa forma. É isso!

“VOCÊ É BOM PROFISSIONAL? ENTÃO DEVE SER BEM REMUNERADO. COMO EM QUALQUER PROFISSÃO, ESSE É O VERDADEIRO ‘RECONHECIMENTO’.”

DUDU PORTES

Com Sérgio Reis e Renato
Teixeira no Teatro Fecap

Sandro Takahashi



Maguinho Alcântara: Você tem uma discografia com muitos desafios e que serve de inspiração até hoje. Quais foram os trabalhos mais marcantes?

DP: Tive muitos trabalhos que marcaram. O *São Paulo – Brasil* foi um deles, mas o meu grande desafio foi gravar um disco do O Quarteto chamado *Antologia da Bossa Nova*. Nesse disco, os caras tinham ficado um ano no estúdio gravando voz e usaram apenas o violão como base. Como foi tudo gravado com um metrônomo a corda, em algumas faixas o andamento ia caindo pelo fato de a corda estar no fim e o pessoal não ter percebido durante a gravação. Na hora de cobrir com bateria, além do andamento lento, de várias vozes fazendo “tchuuu ruuuuuu” no meio de um mundo de convenções, a música ralentava de maneira sutil. Nossa! Foi um grande desafio, mas ficou lindo. Sem contar a moral com que fiquei, pois vários músicos haviam passado por lá e quebrado a cara. Devo o resultado do meu sucesso ao maior músico com quem já toquei na vida, César Camargo Mariano. Ele arranjou e gravou sozinho todas as bases. Graaande César!

Maguinho Alcântara: A música “Estação do

Norte”, do CD *São Paulo – Brasil*, tem uma levada e uma sonoridade especiais. Como foi o processo de criação?

DP: A intenção era fazer uma música que passasse o espírito e a ideia de um nordestino chegando a São Paulo, e nada melhor que um frevo “cheio de bomba”. Tinha apitos, compassos quebrados, prato chinês com pedal de guitarra. Realmente, para aquela época, foi um trabalho ousado.

Renato Massa: Sei que você é compositor também, inclusive a sua música “Fábrica” é a melhor faixa do disco *São Paulo – Brasil*, do César Camargo Mariano. Como é o seu processo de composição? Você toca outros instrumentos além da bateria?

DP: A composição é feita de maneira natural e intuitiva. Começo a pensar no assunto a ser abordado e o tema vem naturalmente. Normalmente não penso em ritmo, tipo: “Vou compor um samba ou um baião”. A música vem surgindo na minha cabeça, de acordo com o assunto. Quanto a tocar outros instrumentos, não posso dizer que “toco”. Comecei, ainda criança, aprendendo vio-

lão, depois fui para a flauta, piano... mas, nada pra valer. Na verdade, acho que as pessoas da minha família queriam mesmo que eu desistisse da bateria, mas até que, no fim, serviu e muito para o meu processo de composição e, principalmente, para tocar bateria. Quando você sente e percebe a “harmonia caminhando”, a bateria fica bem mais musical.

Albino Infanzoni: Lembro-me de que conheci o Dudu em 1978, na churrascaria Eduardo’s, na Nestor Pestana, onde se realizou uma mobilização entre bateristas e baixistas com o objetivo de parar os estúdios de gravação em São Paulo. Acompanhado do meu mentor Dirceu Medeiros, tive a honra de conhecer músicos com uma propriedade muito rara nos dias de hoje: coragem. Estavam presentes o grande Dudu, Dirceu, Toniquinho, Pirituba, Zinho, Arrudinha, Turquinho, William Karan, Tatá, Abreu e os baixistas Gabriel, Claudio Bertrami, Lito Robledo e Renato Loyola. Gostaria que o Dudu nos contasse como foi essa mobilização, e que tipo de retaliação teve de enfrentar.

DP: Toda aquela mobilização foi feita para que

DUDU PORTES

(POR RENATO TEIXEIRA)



Não preciso falar dele como instrumentista, nem como músico, muito menos como um profissional de alto nível. Tudo isso faz parte de algo maior, que transcende o simples ato de se tocar uma canção com competência.

Onde Dudu é mais visível para mim é no grande espaço que a natureza reservou para que a música pudesse atuar na vida das pessoas com seus exércitos de sonoridades contagiantes.

Quando olho para ele tocando, não sei exatamente se o que vejo é ele pilotando uma bateria ou tocando uma motocicleta porque, quando ele toca, não importa onde está montado, ele simplesmente vai acertando as notas com suas baquetas, como se matasse mosquitos.

No começo dos anos 70, eu, Dudu, Sergio Mineiro, Marcinho Werneck, Carlão de Souza e Rodolpho Grani fundamos uma banda chamada Grupo Água. A ideia era repaginar a música caipira original sob a ótica da MPB. Uma fusão que abrisse novos caminhos para o consagrado gênero praticado por mestres como Tonico e Tinoco e que, naquele instante, completava seu ciclo.

Musicalmente, as referências originais eram de pouca serventia para nós, que vínhamos de uma relação muito forte com a música brasileira de alta qualidade. Rodolpho Grani, por exemplo, fez um lindo e pioneiro trabalho adaptando o jeito de tocar

contrabaixo à nova proposta. Todos se preocuparam em fazer isso. Quando o Água começou a ganhar som, essa dedicação ficou visível. E audível também, principalmente.

O Dudu Portes vinha de experiências quase extravagantes. Tocou com Willian Fournaut, o assobiador, com Johnny Alf e com O Bando, que era rock and roll pesadão. Tocou também, e simultaneamente ao Água, no Humahuaca, uma banda progressiva difícil por causa das convenções que não paravam nunca.

Mas foi no Água que ele começou a flutuar acima de tudo. Não era apenas o som de seus tambores, apitos e "firos", com os quais ele interpretou a nova proposta; era a energia com que ele fazia aquilo.

Foi isso que, com certeza, o aproximou da Elis, também uma artista transcendente. Quando chamou o Dudu para tocar com ela, ele conversou comigo. Estava feliz, lógico, e eu senti, naquela conversa, quase que uma declaração de amor ao Água.

Nenhum de nós tinha consciência de que, naquele instante, estávamos, sim, fazendo algo que repercutiria pelo resto de nossas vidas.

Dudu foi tocar com Elis, voltou e foi de novo. Quando a "Baixinha" morreu, ele mudou o rumo das baquetas e repensou a maneira de lidar com seu talento. Virou consultor, palestrante e rodou mundo fazendo workshops. Também casou com

minha querida prima Silvia.

Foi João, meu filho, que levantou a lebre. Argumentou que a participação do Dudu em quase todos os meus discos era um diferencial importante demais para que ele não fosse convidado a reassumir seu posto.

Não deu outro; novamente as baquetas do Dudu voltaram para a estrada, para o básico da vida de um músico que é viajar e tocar, sempre.

Foi emocionante reencontrá-lo no palco. Havia se passado quase 30 anos. Lindo quando começamos a ensaiar; lembrávamos todos os arranjos, todas as convenções do Água. Foi lindo também ver meus filhos usufruindo, hoje, um momento tão bonito do começo da minha carreira.

Eu e Dudu sabemos que algo mágico aconteceu. Sergio Mineiro, infelizmente, partiu cedo. Carlão toca com Almir Safer, Marcinho está para voltar para a banda atual, Rodolpho produz coisas relacionadas aos nossos princípios e, quanto mais o tempo passa, a gente vai percebendo o quanto o "conceito Água" vem interferindo no gosto e nas tendências das novas gerações. O próprio Almir Safer, que chegou em seguida, confessa nossa influência.

Tenho um carinho de irmão pelo Dudu e aquela admiração que a gente sente por aqueles que sabem atuar nas dimensões mais sofisticadas do talento humano.

DUDU PORTES



Com grupo Água em Aparecida do Norte para especial da TV Globo

os músicos pudessem receber seus direitos de execução e direitos conexos. Até aquela época, você era obrigado a assinar um documento em que todos os seus direitos seriam cedidos à gravadora. Aquilo era um absurdo, nossos direitos são inalienáveis e intransferíveis. Isso é lei, isso é direito adquirido. Como poderiam as gravadoras e produtoras nos tirar esse único benefício? A ideia era não assinar o documento e, para conseguirmos, tivemos de usar a força para parar as gravações. O raciocínio era lógico: sem base, não tem cobertura. E assim, muitos de nós colocamos nossas cabeças a prêmio. Com o argumento de que "iríamos criar caso", fomos praticamente banidos dos estúdios. Hoje, a maioria dos músicos que recebe esses direitos nem imagina como ele foi conseguido. **NÃO FOSSE A ELIS, A CLARA NUNES E ALGUNS MÚSICOS DE VALOR TOMAREM A FRENTE DESSE MOVIMENTO NA ÉPOCA, ATÉ HOJE ESSE DIREITO DO MÚSICO ESTARIA NO DESVIO.**

Christiano Rocha: O que você fez depois do trabalho com a Elis?

DP: Fui trabalhar com propaganda na Almap BBDO. Lá eu produzia e criava trilhas sonoras para comerciais de TV. Nesse meio-tempo, a Elis se foi e, com a sua partida, perdi o tesão de tocar. Depois disso, montei uma produtora de fonogramas publicitários que desabou na gestão do Fernando Collor e, com isso, depois de perder o primeiro casamento, família e amigos, passei a odiar a propaganda. Foi aí que comecei a usar minha proximidade com a redação para escrever em revistas. Primeiro foi sobre motocicletas, minha outra paixão, depois sobre bateria. Desenvolver produtos para a indústria de instrumentos foi um segundo passo. Enfim, tratei de criar um motivo novo para continuar criando.

Renato Massa: Como você começou a se inte-

ressar pelo projeto e construção de instrumentos e acessórios?

DP: Sempre gostei de trabalhar com as mãos, de criar objetos e construir coisas. Tenho verdadeira loucura por marcenaria, fiz curso de modelagem em cerâmica e, quando jovem, fiz um curso rápido de mecânica de aviões na antiga escolinha da Vasp. Sempre gostei de lidar com ferramentas, de preparar minhas motocicletas. Enfim, sempre curti e busquei o uso da parte lúdica e da criatividade em tudo na vida. Somada a isso tudo, havia a minha necessidade de reconstrução interior, do meu renascimento para o mundo da criatividade, da superação dos reveses. Eu precisava usar todo o conhecimento e a capacidade inventiva que Deus me deu. Eu precisava ser "produtivo" para mim e para a música.

Giba Favery: Com base na sua experiência em desenvolver produtos nos últimos anos, você acha que o Brasil tem condições de ter baterias e tudo o que envolve o universo da bateria comparáveis aos produtos do Primeiro Mundo? Se não tem, o que faltaria para que isso acontecesse?

DP: Sim, o Brasil tem condições e competência para isso. O problema são os altos custos de feramental e tributos, que acabam encarecendo o produto, tirando assim sua competitividade no mercado. E, como quem fabrica quer e precisa vender, acaba optando pelo "mais barato", comprometendo a qualidade.

Christiano Rocha: Você guarda inúmeros kits, caixas, pratos etc. Quais são seus xodós?

DP: Sabe aquele amor que todo pai tem por seus filhos? É mais ou menos assim que acontece comigo, amo todos os meus instrumentos. Cada um tem a sua característica, sua personalidade, o seu momento para uso. Agora, o meu xodó principal é a minha boa e velha Rogers. Afinal, foi minha primeira bateria americana. Ela foi comprada

com o dinheirinho suado do meu próprio trabalho, até show para turista, na base de violão e voz, eu fiz para pagar a menina. Minha querida Rogers viajou o mundo comigo, foi comprada de segunda mão, pertenceu a um grande baterista chamado Vitor Manga e até hoje parece nova. Ela está comigo há 40 anos. Minha história foi praticamente escrita nela e com ela, a "Minha Preta". Hoje, ela está montada na sala da minha casa e todos os dias eu toco um pouquinho nela. Sua sonoridade é única. Fora essa bateria, tenho as outras que também são queridas, minhas caixas e os "meus pratos Sabian". Esses também são minha paixão, são pratos mágicos. Adoro pratos; para mim, eles são a única e verdadeira assinatura do músico. Toda a minha força de expressão é transmitida através deles.

Chico Batera: Como está a questão do endorsement no Brasil?

DP: Mal e desorganizada como sempre. Os departamentos competentes tanto nas indústrias quanto nas empresas estão na mão de profissionais nem sempre competentes.

“SE A TELEVISÃO NÃO RESPEITA O MÚSICO, O CONTRATANTE MUITO MENOS E O PRÓPRIO MÚSICO NÃO SE DÁ O RESPEITO. COMO É QUE ALGUÉM PODE QUERER QUE A COISA FUNCIONE?”

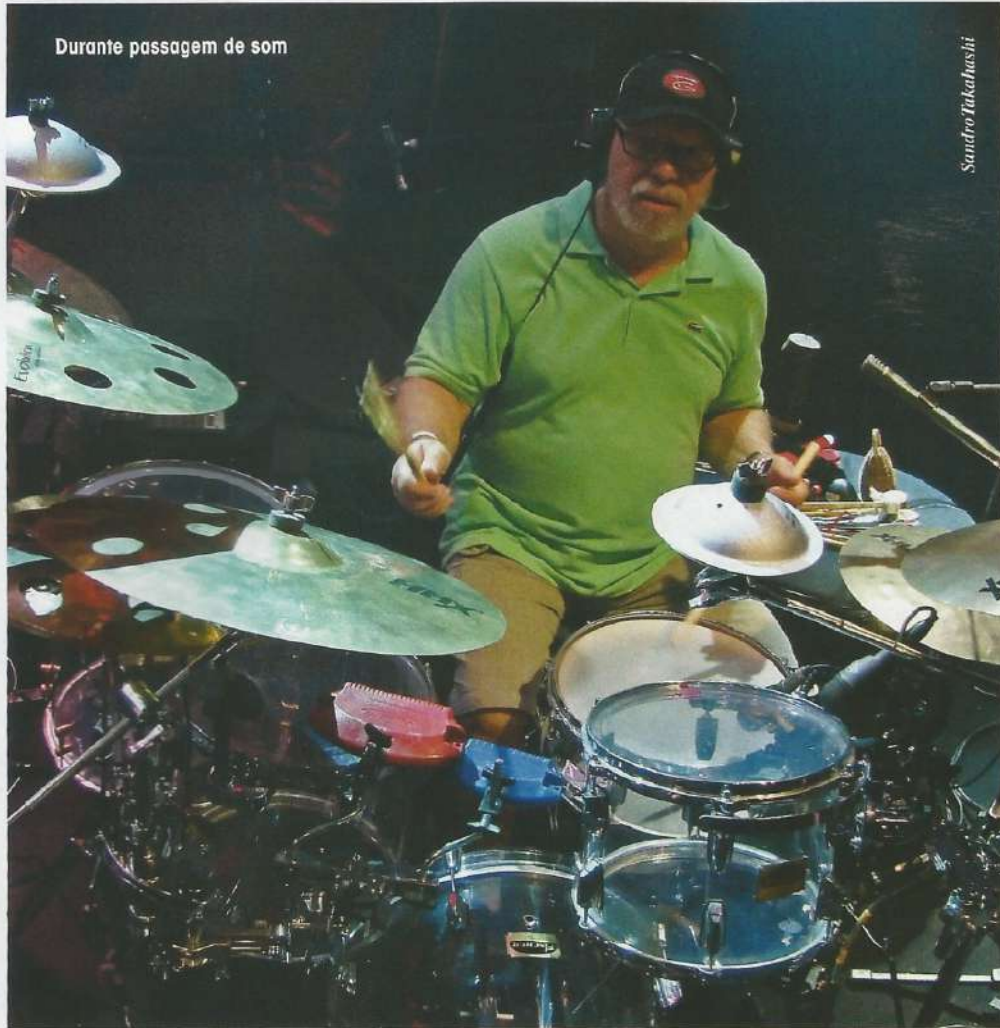
É como já falei antes: ganhar as coisas e na hora ficar só na base do "Só cara... Puta som..." nunca vai levar a nada. Não somos sérios, esse é o problema.

Chico Batera: Noto que existe uma desatenção em relação aos músicos brasileiros na indústria e nas revistas especializadas. Se concorda, por que isso acontece?

DP: Não, não concordo. Se você fala da indústria nacional, digo que o músico brasileiro é que não acredita no produto nacional. Muitos usam porque ganham, se tiverem de comprar eles compram o importado. Repare que se você oferece um endorsement nacional e um estrangeiro para determinado músico, ele fatalmente escolherá o importado achando que lhe dará mais status. Ele não se guia pela identificação sonora, pela

DUDU PORTES

Durante passagem de som



qualidade, aliás, poucos são os que "ganham porque usam". A maioria "usa porque ganha", entendeu? O que eles querem é ganhar e sair na revista. São poucos os músicos que encaram isso de maneira profissional. Agora, quanto às revistas, essa desatenção vem, infelizmente, do público leitor. Eles preferem saber como foi o safári que o Colaiuta fez nas florestas africanas e se ele usou protetor solar a conhecer o lançamento do disco do Nenê ou o novo show com o grupo do Paulinho Braga. Eu provo isso com números. As vendas não correspondem, você não tem ideia da briga que é para colocar os bateristas brasileiros nas revistas. O povo — consumidores, anunciantes e, conseqüentemente, o departamento comercial — prefere que saia a 26ª entrevista com algum "gringo batido" dizendo que há três anos não grava e não sai em turnê nenhuma, ou então uma entrevista com o Dennis Chambers falando sobre o cavalo marchador que saiu no YouTube a conhecer de fato o seu novo trabalho ou o meu. É triste, é duro, mas é real. Os números não mentem. Precisamos acabar com essa coisa de "fanzine" ou mesmo esse culto à burrice que vem acontecendo nos últimos tempos.

Chico Batera: Seu estúdio sempre funcionou como uma espécie de "embaixada", onde os bateristas cariocas procuravam asilo. Eles deram

muito trabalho?

DP: Eles quem? Você? (risos) Não, os meus amigos cariocas nunca me deram trabalho. Tudo sempre foi feito com muito carinho e amizade. Imagine o prazer que eu tinha em poder dar um apoio logístico a você, ao Kiko, ao Bala, ao Massa, ao Robertinho. Era uma grande honra. Fiz, faço e farei sempre tudo pela bateria. É como diz o ditado: "Aos amigos, tudo. Aos inimigos... que paguem a conta".

Cuca Teixeira: Como está sendo sua volta aos palcos com o Renato Teixeira?

DP: Com muita emoção e extremamente gratificante.

Cuca Teixeira: Ainda hoje, após tantos anos de carreira, você ainda sente "um friozinho na barriga" antes de subir ao palco em uma apresentação para um grande público?

DP: E como! A cada apresentação eu me sinto como se fosse a primeira e única vez. Sempre foi assim e sempre será. Quando você faz o que gosta, sempre entra com muita vontade e pra valer. Não tem essa de atacar "meia bomba". Como você mesmo diz: "É adrenal total".

Giba Favery: Como é o seu setup com o Renato Teixeira, e como é a sua abordagem musical para acompanhá-lo?

DP: O MEU SETUP É UMA VERDADEIRA

DISNEYLÂNDIA. Uso uma bateria com bumbo, três tambores — um tom e dois surdos —, duas caixas, muitos pratos — rides, crashes, china stacks, ice bells, alu bells —, instrumentos de percussão, apitos, buzinas, pau de chuva, enfim, tudo o que faz um "barulhinho bom". Outro dia um rapaz subiu ao palco depois do show em Volta Redonda e fez uma observação que me chamou a atenção: "Pô! Você e o Carter Beauford montam uma puta bateria para encarar um cantor só com um violãozinho e não é que dá certo?" Essa comparação pode até parecer pretenciosa, mas tem muito a ver. O lance é usar cada coisa na sua hora. A ideia é explorar a riqueza de todos os timbres possíveis além da função rítmica. E tudo isso sempre somando, nunca sobrepondo. É muito bom trabalhar dessa forma.

Cuca Teixeira: A volta aos palcos tem feito você "correr atrás" de um aprimoramento técnico e físico? Tem estudado? Por quanto tempo?

DP: Nem me fale. Fiquei 20 anos sem tocar, travou tudo. **SABE QUANDO A CABEÇA MANDA E O CORPO NÃO RESPONDE? TENHO BUSCADO A MINHA MOBILIDADE E FLUÊNCIA NO INSTRUMENTO O TEMPO TODO.**

Para se fazer música, principalmente em bateria, o "correr atrás" é eterno, você vive buscando o aprimoramento e uma coisa é certa, sempre vai faltar. O baterista que se acomoda acaba, sem perceber, morrendo para a música e para o instrumento.

Cuca Teixeira: Você tem o anseio ou a vontade de gravar um trabalho-solo ou com banda? Quais são os seus projetos relacionados à música?

DP: Sim. Meus sonhos continuam a mil. Estou compondo, preparando músicas novas, enfim, minha produção está a pleno vapor. Afinal, meu disco precisa ser gravado urgentemente. Não sou mais nenhum menino. Estou tentando não ser tão exigente comigo mesmo. Faço a música e acho uma m..., crio o arranjo e coloco defeito, então fico nessa. Estou com várias músicas gravadas, mas nenhuma, até agora, me "pegou na veia". Essa rigidez de comportamento às vezes me atrapalha. Afinal, quem eu penso que sou? Beethoven? (risos) Mas não estou mais me preocupando, uma hora vai sair. Tem de ser uma coisa bem natural, sem muita expectativa, tem de ser apenas MÚSICA. Sabe como? Não é para ficar rico nem famoso. É para tocar música. E pensar que tem gente que grava quatro, cinco CDs por ano. Como é que pode?

Albino Infantozzi: Como você vê o futuro para quem quer se tornar um músico profissional? Explique o que é ser profissional.

DP: Nossa! Que responsabilidade! Vou falar como vejo e como estou vivendo este momento. Minha filosofia de vida é simples: seja digno, respeite-se e saiba respeitar. Todos nós somos

DUDU PORTES



Com Cuca Teixeira e Maguinho durante workshop em São João da Boa Vista

o resultado de uma escolha e, como cada um escolhe o seu caminho, não existe fórmula. O que eu sei é que na vida conseguimos apenas o que buscamos, daí a importância de saber o quanto e o que é importante buscar. Do céu não vai cair nada. Tudo o que conseguimos, tanto material quanto espiritual, é resultado de nossas buscas.

Quanto a 'o que é ser profissional', no meu entender, é estar pronto para a música. Se você não tem responsabilidade, não está pronto; se você não tem maturidade, não está pronto; se você não tem sonoridade, não está pronto; se não tem respeito, não está pronto; se não tem técnica suficiente para exercer sua musicalidade, não está pronto; se não tem equipamento, não está pronto; se não sabe cobrar, não está pronto; se não chega na hora, não está pronto, e assim vai. **EU ENCARO PROFISSIONALISMO DESSA MANEIRA. NÃO SEI SE É A MANEIRA CERTA, NÃO SOU O DONO DA VERDADE. SÓ SEI QUE, COMIGO, SEMPRE FOI ASSIM E, QUER SABER? NUNCA TIVE DO QUE ME ARREPENDER.**

Renato Massa: Cite alguns bateristas, vivos ou não, com quem você gostaria de passar uma tarde conversando.

DP: Conversar com bateristas, principalmente sobre bateria, é sempre muito gostoso. Por exemplo: quer papo melhor que esse que nós estamos tendo? Sabe de uma coisa? Dos bateristas que conheço e considero, todos, eu disse "todos" são muito bons de papo. Às vezes, até mesmo

sem conhecer o idioma. Lembro de uma vez que passei uma tarde inteira com o Steve Gadd em Nova York. Rolou a maior conversa entre a gente, eu não falava inglês e ele muito menos o português. Falamos sobre música americana, brasileira, sobre a vida, fizemos compras, andamos até de metrô (risos). Isso acontece com a maioria dos bateristas, pelo menos comigo, todos são muito verdadeiros. Acho que é do nosso instrumento.

Vlad Rocha: Que dicas você daria para o baterista iniciante? Por onde começar e como planejar a profissão?

DP: A dica principal é que não existe dica para ser um bom profissional. Em música não existe o pulo do gato; você precisa amar muito o que se propõe a fazer. A música é um sacerdócio, não se pode depositar tanta expectativa sem entrega. É como eu disse lá atrás, tem de querer e gostar muito. Por exemplo, você consegue me imaginar cantando "Corcovado" e tocando violão no meio da Baía de Guanabara a bordo do Bateau Mouche com um monte de turistas? Pois é, foi assim que consegui pagar a minha Rogers. Essa coisa de pedir patrocínio só porque já sabe tocar em aniversário de criança não valoriza o trabalho de ninguém. É preciso primeiro "conseguir se sustentar" com a música. Quando se consegue isso, você já está perto de se tornar um músico de verdade. Esse papo de ganhar bateria, ganhar pratinho, ganhar baquetinha, pele, sapatinho, bags e outros apetrechos para o instrumento sem ter feito nada

por isso e, além de tudo, dizer que dá aula e workshop são a maior mentira e ilusão que estamos vivendo. **O MÚSICO É UM PROFISSIONAL COMO QUALQUER OUTRO. PARA VALER A PENA, VOCÊ TEM DE PRIMEIRO SER, DEPOIS VEM O TER.** O ter é consequência. Portanto, é preciso estudar muito, aprender muito, batalhar muito e deixar que a vida e as pessoas julguem e decidam. Se ao tocar você não passa nada para eles, não adianta patrocínio, roupinha, luzinha, bailarinas ou o que mais pintar. Você não está fazendo música. É claro que precisamos acreditar em nosso trabalho e ter muita força de vontade, mas não dependemos apenas da nossa opinião, do nosso ego. Dependemos da nossa música interior, do nosso talento, da nossa capacidade de transmitir uma emoção. Isso é fazer música. Vai encarar? Então seja bem-vindo e... **VAMUTOCÁMOÇADA!**

Vlad Rocha: Qual você acha que é sua "missão" atual?

DP: Aos 60 anos, com tantos produtos desenvolvidos, aprovados e reconhecidos no mercado da música; pai de filhas lindas, queridas, educadas, inteligentes, cabeça no lugar, encaminhadas profissionalmente e totalmente independentes; ao lado da mulher amada; morando em contato com a natureza; rolando na grama com a cachorrada; ganhando dinheiro, gravando e fazendo um monte de shows com meus amigos, acho que minha "missão" atual é viver a vida e ser feliz. (risos)

FERNANDO RENSI • JIM CHAPIN • ROBERTINHO SILVA • VINNY APPICE

A REVISTA DE
BATERIA Nº 1 DO MUNDO

MODERN DRUMMER[®]

BRASIL

DUDU PORTES

SEM CENSURA!

A HISTÓRIA DE SUA PAIXÃO PELA BATERIA

A CARREIRA DE PLÍNIO ARAÚJO EM UMA BIG BAND



ELÓY CASAGRANDE

PRODUZINDO E EVOLUINDO

NOVAS COLUNAS COM
DAVE LOMBARDO E GARY HUSBAND!



melody
editora



**NOVOS
PEDAIS
DE BUMBO!**

TESTES
CADESON • GIBRALTAR
GMS • TAMA • ZILDJIAN

COLUNAS DE ESTUDO COM:
ADRIANO BUSKO • CELSO DE ALMEIDA
CHRISTIANO ROCHA • CUCA TEIXEIRA
MARIO FABRE • ROD MORGENSTEIN

DUDU PORTES

Apresentação do Modern
Drummer Festival 2009



Gislaine Figueira

Renato Massa: A música já fazia parte do DNA dos Portes?

Dudu Portes: Sim, a música para mim não nasceu na chocadeira. O lado Portes da família sempre teve pendores artísticos. O tio da minha mãe, Higino, meu tio avô, tocava saxofone na banda do coreto de Caçapava; o tio Edgar Portes foi um grande poeta e escritor; a tia Dida era compositora; a tia Iracy tocava piano e minha mãe tocava violão e cantava muito bem.

Vlad Rocha: Quando começou sua carreira, como foi sua preparação? O que fazia para estar preparado para as gigs que pegava?

DP: Ouvia muito os discos de jazz do Roberto Corte Real, frequentava os ensaios do Betinho, um dos maiores guitarristas que o Brasil já teve. Nesses ensaios, sempre estavam o Turquinho, o Milton Banana e o Edilson (Índio) para ver tocar e tentar aprender alguma coisa. Ali só tinha fera para eu observar. Fora isso, me aconselhava com o grande mestre Oswaldo Vacaro, um industrial e baterista nas horas vagas que muito me ensinou e incentivou. Depois, a profissão começou a me cobrar e fui procurar o

Clam para aprender teoria e técnica, pois já estava "na rua" tocando e não sabia dar nome aos bois. Mais tarde, quando minha mãe viu que não tinha jeito, que eu ia mesmo ser músico, me apresentou para o grande compositor erudito Osvaldo Lacerda para ver se ele me encaminhava, mas as jams no auditório da Folha de S.Paulo já tinham me dominado. Daí em diante, fui fazendo bailes, tocando em boates, gravando jingles, convivendo com os melhores e quebrando a cara sozinho.

Vlad Rocha: Quais são as principais diferenças entre tocar bateria agora e na época em que você começou? O que você sente que mudou?

DP: Ah, melhorou muito daquele tempo para cá. **E PENSAR QUE EU "SEGURAVA NA MÃO" UMA PARREDE DE AMPLIFICADORES MARSHALL** com o som da bateria entrando só por vazamento no microfone do cantor. Acho que a principal mudança começou com a captação do áudio. Hoje a bateria fica muito mais presente na mixagem final. Outra coisa foi a sonoridade e o volume das peles sintéticas. Essa riqueza de harmônicos, o controle de afinação e o volume maior fazem a diferença.

Além de quê, com os requintes de monitoração que temos hoje, o músico toca de maneira extremamente confortável. **A ÚNICA COISA QUE NÃO MUDOU FOI O RANÇO DO ESPÍRITO DE COMPETIÇÃO QUE ALGUNS MÚSICOS AINDA CARREGAM E DESENVOLVEM NA SUA PERSONALIDADE.**

Chico Batera: Nós, músicos, deixamos um pouco de lado a ação coletiva praticada, por exemplo, pelos atores, ao se aproximarem da cultura oficial, conseguindo apoio. Como você vê esse fato?

DP: O músico precisa parar com essa mania de se importar só em tocar. Está na hora de aprender a administrar a sua carreira, de correr atrás de seus interesses, isso é ser profissional. Chega de viver como um peixinho no aquário esperando que alguém lhe dê comida. É preciso aprender a conversar e reivindicar melhor seus direitos, seus anseios, suas necessidades profissionais. Está na hora de mudar de assunto, **ESSE PAPO DE: "PÔ! CARA... QUE PUTA SOM!" É LEGAL, MAS NÃO ENCHE BARRIGA.** É preciso haver diálogo entre o músico, seja popular ou erudito, e o pessoal da cultura e as autoridades. Veja que o pessoal de teatro, de televisão, do esporte consegue.



Dudu

DE VOLTA À CENA

DUDU PORTES NÃO É SIMPLEMENTE O “BATERISTA QUE TOCAVA

COM A ELIS REGINA”. SUA HISTÓRIA COMEÇA MUITO ANTES DE TOCAR COM ELA, A MÚSICA FAZ PARTE DE SEU DNA. ALÉM DE ATUAR COMO MÚSICO (ATUALMENTE RODA O PAÍS COM RENATO TEIXEIRA), É UM CONCEITUADO DESENVOLVEDOR DE PRODUTOS — REFLEXO DE SUA CURIOSIDADE, SUA BUSCA POR SOLUÇÕES E SEU AMOR PELA BATERIA — E UM “PORTO SEGURO” PARA BATERISTAS DO BRASIL E DO EXTERIOR, DANDO “ABRIGO” A MUITA GENTE EM SUA “EMBAIXADA”.

ESTA ENTREVISTA EXCLUSIVA É, NA VERDADE, UM BATE-PAPO DESCONTRAÍDO COM ALGUNS DOS AMIGOS DE DUDU: ALBINO INFANTOZZI, CHICO BATERA, CHRISTIANO ROCHA, CUCA TEIXEIRA, GIBA FAVERY, MAGUINHO ALCÂNTARA, RENATO “MASSA” CALMON E VLAD ROCHA.